



O caso Guntrip

The Gruntrip affair

 Elsa Oliveira Dias*

Resumo: Este estudo visa a ilustrar, através do relato de Guntrip de suas análises com Fairbairn e Winnicott, a mudança paradigmática operada por Winnicott na teoria e na prática psicanalíticas, em particular a diferença entre uma psicanálise baseada no exemplar edípico e aquela que toma como situação-guia o bebê no colo da mãe.

Palavras-chave: Winnicott, Guntrip, Fairbairn, trauma, análise.

Abstract: The aim of this work is to illustrate, through Gutrip's report of his analysis with Fairbairn and Winnicott, the paradigmatic change worked by Winnicott in both theory and practical psychoanalysis, particularly the difference between psychoanalysis based on oedipal sample and that which takes the baby on his mother's lap as a guideline.

Keywords: Winnicott, Guntrip, Fairbairn, trauma, analysis.

* Psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Diretora de Ensino e Formação do Centro Winnicott de São Paulo, Fundador e Diretora da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana.

1. Introdução

Em 1975, foi publicado, no *International Journal of Psychoanalysis*, um artigo de Harry Guntrip intitulado “Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott”. Na altura em que começou a escrever esse artigo, Guntrip tinha cerca de 70 anos. O subtítulo ao artigo: “Quão completo será o resultado que a terapia psicanalítica atinge?” visava a apontar para o fato de que o problema central que lhe ocupou a vida e o espírito – uma amnésia acerca de um trauma ocorrido por volta dos seus três anos e meio envolvendo a morte de seu irmão mais novo, Percy – não foi resolvido no decorrer das duas análises que empreendeu, mas acabou por resolver-se após as análises, através de uma torrente de sonhos autocurativos. Guntrip concedeu que isso só poderia acontecer devido ao trabalho analítico feito anteriormente.

Além do interesse humano e pessoal, o artigo de Guntrip apresenta, ainda, um alto interesse técnico e clínico. Primeiro, por não ser comum que o relato de uma análise seja feito do ponto de vista do paciente. No caso, o autor-paciente era também analista, além de ter sido teórico; é difícil avaliar se isso comprometeu ou ajudou a iluminar não apenas as muito peculiares circunstâncias de infância ali relatadas, como os sintomas que delas persistiram vida afora, e que foram alvo de ambas as análises. É difícil igualmente saber se houve precisão na descrição das análises. Em segundo lugar, o artigo trata das duas análises feitas com dois proeminentes analistas e teóricos da psicanálise, Fairbairn e Winnicott. Os dois eram contemporâneos e estavam, ambos, interessados no desenvolvimento da teoria psicanalítica, tendo chegado a discutir, ao menos indiretamente e por escrito, os seus respectivos posicionamentos teóricos, assim como as implicações clínicas dos mesmos. Os dados fornecidos por Guntrip sobre os modos de proceder desses dois analistas tornam inevitável a comparação entre eles, além de esse ter sido um dos objetivos de Guntrip com esse artigo. Na perspectiva que aqui me guia, um dos grandes interesses do artigo reside na clareza com que ilustra a mudança paradigmática operada por Winnicott na teoria e na prática psicanalíticas tradicionais, neste caso representadas por Fairbairn, a despeito de ele próprio ter sido, em alguns aspectos, um inovador.

O artigo não foi bem recebido; na verdade, foi duramente criticado. Exemplos dessa crítica podem ser encontrados em J.-B. Pontalis, Didier Anzieu e Guy Rosolato (1977) e Ronald Markillie (1996). Pontalis diz que o artigo teria ficado muito bem no número intitulado “Narcisismes”, da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, uma vez que se constitui num elogio de Guntrip a si mesmo, para mostrar que ele suplantou Fairbairn teoricamente e que ambos os analistas falharam em resolver seu problema central, tendo sido ele mesmo que, com sua torrente de sonhos curativos, operou o

levantamento da amnésia. Ronald Markillie, também analista, e colega de Guntrip em Leeds, de quem ele era bastante próximo, diz ter se sentido “infeliz com esse artigo sobre sua análise com Fairbairn e Winnicott, pois ele não me soou verdadeiro, mas com um cheiro da necessidade de provar algo, uma justificativa...” (Markillie, 1996, p. 768). Para Guy Rosolato, o artigo é criticável em dois sentidos: primeiro, porque Guntrip usa a sua história para tentar confirmar a sua própria teoria e, em segundo lugar, porque o que é espantoso e flagrante, em todo o relato, segundo o analista francês, é “a ausência de toda e qualquer libido, digamos sensual, de todo e qualquer sexo. [...] Nessa atmosfera beata, não se fala de sexo, nem, certamente, de homossexualidade” (1977, p. 36).

Nem todos os comentaristas foram críticos a Guntrip e seu artigo. Alguns levaram a sério o subtítulo de Guntrip – “Quão completo será o resultado que a terapia psicanalítica atinge?” – e tentaram explicar as razões para o que teria sido o chamado fracasso das análises. H. T. Glatzer e W. N. Evans dão uma boa ilustração disso num artigo de 1977, “On Guntrip’s analysis with Fairbairn e Winnicott”, do qual faço aqui constar um breve resumo por constituir um excelente exemplo da incomunicabilidade entre paradigmas e/ou da inércia interpretativa a que um campo institucional leva. Sem discutir o subtítulo do artigo e negligenciando a originalidade teórica e clínica de ambos, ou ao menos de um dos analistas envolvidos, Glatzer e Evans enumeram, na perspectiva da psicanálise tradicional, as possíveis razões de as análises de Guntrip terem fracassado: ambos os analistas falharam em reconhecer um tipo muito específico de resistência e em não saber lidar com uma inusual relação transferencial (seria interessante saber por que seria tão inusual); a insistência de Fairbairn em dar uma interpretação edípica a um paciente que, segundo Winnicott, não havia de modo algum chegado ao complexo de Édipo (não fica claro o que esses comentadores entendem sobre Guntrip “não ter chegado ao Édipo”). Falharam também os analistas em “não reconhecer a megalomania infantil de Guntrip”, em “não denunciar a insistente afirmação deste de que a culpa de sua neurose devia-se a uma mãe ‘totalmente’ má”, e enfim, em não o fazer reconhecer a rivalidade com o irmão Percy. Por fim, Glatzer e Evans afirmam que a contratransferência de Fairbairn e Winnicott com relação a Guntrip impediu ambos os analistas de perceber e lidar com “o problema essencial desse excepcionalmente bem dotado paciente” (Glatzer & Evans, 1977). A que se referem Glatzer e Evans quando mencionam o “problema essencial” de Guntrip? Ao trauma dos três anos e meio relativo à morte de seu irmão Percy, tal como Guntrip o entendeu ao longo da vida, ou, como veremos adiante, à nova compreensão dada por Winnicott ao problema, a saber, o fato de Guntrip ter tido uma mãe incapaz de se relacionar e que não sabia preservá-lo vivo, tal como o próprio Guntrip afirma?

Em 1981, Michael Eigen escreve um artigo criticando a posição de Glatzer e Evans. Afirmado ser o relato de Guntrip sobre sua longa jornada psicanalítica um dos mais comoventes retratos da literatura psicanalítica, Eigen diz que, clinicamente, para os padrões usuais, não se podia dizer que Guntrip fosse uma pessoa doente: ele “funcionava criativamente no trabalho e na vida”. Seu maior sintoma era um “pano de fundo de irrealidade”, o qual, no entanto, segundo Eigen, era “aparentemente marginal”, sendo que a maior parte das pessoas que sente essa irrealidade suporta-a ou tenta ignorá-la. Guntrip, contudo, era um desses indivíduos que não podia tolerar nenhum senso de “estar de fora” (“*offness*”); só podia aceitar-se como pessoa inteira, mesmo que, como diz Eigen, esse objetivo fosse, no caso de Guntrip, necessariamente evasivo (Eigen, 1981).

Ainda em 1981, um outro artigo, de Bernard Landis, tece críticas a certas passagens do texto de Michael Eigen. Diz Landis que, baseado em longas conversas com Guntrip, com quem esteve em 1972, é difícil aceitar a afirmação de Eigen de que “o maior sintoma de Guntrip – um senso de irrealidade de fundo – era aparentemente marginal”. “Guntrip”, diz ele, “não viajava sete horas ao norte, para Edinburg, para sessões duplas com Fairbairn e, depois, sete horas ao sul, para Londres, para seus encontros com Winnicott, ano após ano, por causa de dificuldades ‘marginais’. A triste realidade era que ele se sentia profundamente perturbado e frequentemente suportava medos desesperadores, depressão paralizadora e estados de completo isolamento” (Landis, 1981).

O fato é que o artigo de Guntrip, seguido de sua morte, parece ter mobilizado alguns segmentos da comunidade psicanalítica. Contudo, nenhum dos comentadores do artigo deteve-se no exame da diferença radical de perspectiva entre os dois analistas e é isso que pretendo fazer neste artigo. A única breve exceção foram Glatzer e Evans terem mencionado, como dito acima, que, enquanto Fairbairn abordou toda a problemática de Guntrip a partir do Édipo, Winnicott entendeu que este não tinha maturidade emocional para a experiência real das relações triangulares. Contudo, eles não tiraram daí nenhuma consequência sobre a profunda mudança teórica e clínica que isso implica: há uma mudança paradigmática entre Fairbairn, que, representante da psicanálise tradicional, interpreta os fenômenos clínicos dentro da chave edipiana, e Winnicott, que se debruça sobre os fenômenos do início da vida e formula a ideia de que são necessárias muitas conquistas básicas, primitivas, concernentes aos fundamentos da personalidade, para que o indivíduo, com o tempo, possa alcançar a capacidade para uma experiência tão sofisticada, em termos de amadurecimento, como a situação edípica.

2. Breve biografia profissional de Guntrip

Harry Guntrip nasceu em 1901 e faleceu em 1975, pouco antes de o artigo ser publicado. Sua mãe era tida como uma mulher difícil e seu pai foi um pregador da Igreja Metodista Local que, a partir de 1885, construiu e liderou um centro evangélico (*Mission Hall*), ainda ativo no início dos anos 70. Formado na London University, Harry tornou-se, aos 37 anos, pastor de uma igreja altamente organizada, em Leeds, cuja assembleia, aos domingos à tarde, reunia cerca de mil pessoas, e propiciava à comunidade atividades educativas, sociais e recreativas bem organizadas. Foi após o exercício do ministério da Igreja que Guntrip tornou-se docente em psicologia na Universidade de Leeds e também psicanalista. Ele iniciou seus estudos de psicanálise para tentar entender os sintomas de exaustão que volta e meia o acometiam e que, segundo ele, deveriam estar ligados ao trauma infantil vivido aos três anos e meio.

Harry Guntrip era conhecido por sua energia e atividade incessantes. Segundo amigos, ele simplesmente não conseguia parar e estava sempre buscando algo, trabalhando, lendo, escrevendo, pensando e falando sobre seus temas, sem descanso. Essa era a impressão mais marcante que Harry deixava em todos os que o conheciam. Agitado, comunicativo e ruidoso, ele era o contrário da quietude e da serenidade. Era ainda excelente professor e tinha uma facilidade ímpar para apresentar as diversas perspectivas teóricas que surgiam, no universo psicanalítico, como desenvolvimentos da teoria central. Ele tentou, mas jamais chegou a ser aceito como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise e não são claras as razões dessa recusa. Contudo, são muitos os depoimentos sobre a importante contribuição que ele fez para a teoria das relações objetais, tendo exercido, do que se deduz de algumas declarações nada desprezíveis, uma notável influência, entre 1961 e 1975, no chamado *Middle Group*, denominação que tinha sua razão de ser em virtude da existência de um litígio explícito, que havia se formado já na década de 1930, entre o grupo de Anna Freud e o de Melanie Klein.

O *Middle Group* foi uma designação genérica atribuída a todos aqueles analistas que não queriam alinhar-se nem participar ativamente desse litígio que dominou a política da BPS em todos esses anos. Embora não se apresentassem oficialmente como um grupo até 1962, momento em que adotaram o título “Grupo Independente”, alguns dos membros do *Middle-group* já operavam como grupo desde 1945 e constituíam, de fato, o principal e mais numeroso grupo da Sociedade Britânica de Psicanálise após o período de Controvérsias dos anos 43 e 44. Contudo, faltava um posicionamento teórico que os identificasse ou identificasse algum dos diferentes subgrupos nele constantes. No início da década de 60, não havia nenhuma obra, com uma teoria unificada, que eles pudessem subscrever.

Fairbairn havia escrito *Psychoanalytical Studies of the Personality*¹ e este teria sido o primeiro manual teórico do *Middle Group*, após Freud, caso Winnicott e Khan não tivessem feito uma resenha desfavorável no IJPA, em 1953. No treinamento dos estudantes, usava-se sobretudo os escritos de Freud. Os kleinianos tinham sua bíblia no A psicanálise de crianças e, para o grupo B, havia o livro de Anna Freud, O ego e os mecanismos de defesa e, depois de 1945, o *Estudos psicanalíticos da criança*. O *Middle Group*, contudo, não tinha nenhum novo testamento. Michael Balint (1968/1992) que, tal como Winnicott, entendia que o Grupo Independente era uma miscelânea, e que percebeu um interesse crescente, por parte de um certo grupo de analistas, pela regressão e pelo “manejo” da regressão, configurou o que, na época, podia ser chamado de escola do “manejo”, inteiramente distinta das duas outras escolas vigentes na Sociedade, a de Anna Freud e a de Melanie Klein. Essa escola, contudo, assinala Balint, “difícilmente pode chamar-se uma escola, pois à diferença das anteriores, carece de organização ou coesão e, em consequência, não chegou a elaborar uma linguagem propriamente sua, ainda que existam sinais de que isso possa ocorrer sob a influência das ideias de Winnicott” (Balint, 1968/1992, p. 141). O fato é que as ideias de Winnicott eram, como ainda hoje, pouco conhecidas e/ou politicamente aceitas.

Nesse estado de coisas, foi bastante bem-vindo o livro de Harry Guntrip, *Personality Structure and Human Interaction* (1961). Nele, o autor, usando as ideias e a terminologia de Fairbairn, e preocupado em reconciliar teorias divergentes, apresentou os pontos de vista de importantes psicanalistas teóricos, de Freud em diante, numa clara perspectiva histórica. Segundo Markillie, quando, no final dos anos 60, a psicoterapia era considerada um desvio inútil no mundo psiquiátrico, que cavalgava na crista da psicofarmacologia, Harry “tornou-se internacionalmente conhecido e lido pelos membros do departamento de psiquiatria. [...] Ele era cordialmente bem-vindo como um analista não conformista por um grupo que já reagia a um mundo especialmente ortodoxo” (Markillie, 1996, p. 768). O não conformismo de Guntrip referia-se ao fato de, em todos os seus escritos, ele ter tecido críticas à metapsicologia freudiana (Markillie, 1996, p. 767).

Mais do que por seu próprio trabalho teórico, Guntrip, contudo, parece ter ficado conhecido pelo artigo, alvo do presente estudo. A análise com Fairbairn ocorreu ao longo da década de 50, e a feita com Winnicott, bem mais curta (de 1962 a 1968), compreendeu cerca de 150 sessões, uma vez que, devido à distância, as sessões eram mensais. Guntrip faleceu no mesmo ano em que finalizou esse artigo e o deu para publicação, o que leva à ideia de que esse trabalho foi uma espécie de

¹ Nos USA, o livro de Fairbairn foi publicado, em 1954, com o seguinte título: *An Object Relations Theory of the Personality*, pela Tavistock Publications.

acabamento de sua vida, de epitáfio, da qual talvez se possa dizer ter sido maiormente dedicada ao esclarecimento desse trauma primitivo.

3. A infância e o ambiente familiar de Guntrip

A mãe de Guntrip era uma mulher ativa, dada a negócios e com muito pouca propensão para a maternidade, e nenhuma para a regressão que a acompanha. Era a filha mais velha de 11 crianças e já tinha tido que cuidar dos irmãos, tendo presenciado a morte de quatro deles. Sua própria mãe, avó materna de Guntrip, era uma dessas beldades com cabeça oca, que deixava todos os encargos familiares para a filha mais velha. Esta, com 12 anos, tentou certa vez fugir de casa, mas a trouxeram de volta. Ao casar-se com o pai de Guntrip, que ficara impressionado com seu senso de responsabilidade para com os irmãos, ela já estava, na verdade, farta de bebês e não queria mais nenhum. Quando Harry tornou-se adolescente, ela lhe confidenciou que só o amamentara por temer outra gravidez; o marido lhe disse, nessa ocasião, que se ela tivesse amamentado Percy este não teria morrido, o que a deixou furiosa.

O pai de Guntrip era pregador da Igreja Metodista Local e orador público de grande eloquência; parece ter sido uma pessoa tolerante, que impunha respeito; sua mãe, em geral nervosa e disruptiva, jamais perdia a paciência na sua presença.

A propósito do episódio traumático, o relato que a mãe fez a Harry foi que, aos três anos e meio, ele entrou em seu quarto e viu Percy deitado, nu e morto, no colo materno. Ele correu, agarrou o irmão e teria dito à mãe: “Não o deixe ir. Você nunca o terá de volta”. Então, ela o mandou para fora do quarto e Harry adoeceu de tal modo que parecia estar morrendo. O médico veio consultá-lo e disse: “Ele está morrendo de tristeza pelo irmão”. E acrescentou para a mãe: “Se o seu senso materno não pode salvá-lo, eu também não posso”. Então, ela o levou para uma tia materna e, nessa família, ele se recuperou. Sobre esse pedaço de sua infância, diz Guntrip que

toda a memória dessa época foi totalmente reprimida. A amnésia se manteve durante todo o resto de minha vida, ao longo de minhas duas análises, até eu completar setenta anos, três anos atrás. Mas tudo permaneceu vivo em mim, sendo deflagrado sem ser reconhecido, em situações análogas, muito espaçadas. Aos vinte e seis anos, na Universidade, fiz uma boa amizade com um colega que se tornou uma figura fraterna para mim. Quando ele partiu e eu fui de férias, para casa, para minha mãe, adoeci de uma exaustão misteriosa, a qual desapareceu imediatamente assim que deixei nossa casa e retornei à faculdade. (Guntrip, 1975/2006, p. 394)

Após a morte de Percy, a mãe de Harry conseguiu o que tanto queria: abriu uma loja e se dedicava quase que integralmente a essa atividade. Harry tentava fazer com que ela se ocupasse dele, apresentando uma série de distúrbios – dores de barriga, brotoejas, estados febris etc. – e a mãe acabava indo e vindo da loja para vê-lo. Por volta dos cinco anos, Harry lembra-se de a mãe ter violentos ataques de fúria se as coisas não andassem como ela queria, e batia nele com uma vara. Quando a vara quebrava de tão usada, ela o fazia buscar outra. Já idosa, ela lhe relatou: “Penso que jamais compreendi as crianças. Elas me são totalmente indiferentes” (Guntrip, 1975/2006, p. 394). E, em outra ocasião: “Quando seu pai e sua tia Mary morreram e eu fiquei sozinha, tentei ter um cachorro, mas tive que desistir. Não conseguia parar de bater nele” (Guntrip, 1975/2006, p. 397).

Aos sete anos, Harry foi para uma nova escola, maior que a anterior, e ganhou em independência. Menos deprimida, a mãe passou a dar-lhe todo o dinheiro que ele necessitava e, gradualmente, diz Guntrip, “esqueci, mas não inteiramente, as memórias dos sete primeiros anos tão infelizes” (Guntrip, 1975/2006, p. 397). O que ficou foram esses adoecimentos repentinos em que ele era tomado por uma “misteriosa exaustão” (Guntrip, 1975/2006, p. 395).

4. A análise com Fairbairn

Embora sustentasse, já antes de conhecer Fairbairn, que “a terapia psicanalítica não é puramente teórica, mas um relacionamento pessoal de verdadeira compreensão” (Guntrip, 1975/2006, p. 385), Guntrip diz ter ido procurar Fairbairn, para análise, depois de ler os artigos deste, pois “compartilhávamos filosoficamente o mesmo terreno e nenhuma discordância intelectual iria interferir na análise” (Guntrip, 1975/2006, p. 385). Como se vê, apesar da afirmação acima, ele prefere assegurar-se do relacionamento por via da concordância teórica.

As tentativas de Guntrip, ao longo da infância e mesmo da vida, para fazer com que sua mãe se ocupasse dele e estabelecesse com ele alguma relação, foram interpretadas por Fairbairn na linha das más relações objetais edípicas internalizadas.

Foram, portanto, todos os medos, as raivas, a culpabilidade, os sintomas psicossomáticos passageiros, os sonhos perturbados, tudo o que exprimia os conflitos que me marcaram dos três e meio aos sete anos, que a análise de Fairbairn tomou a encargo. Foi isso que aconteceu comigo. Não é pois surpreendente que eu tivesse um mundo interno de relações libidinalmente excitadas, com maus objetos internalizados, e eu devo muito a Fairbairn pela análise radical que ele fez de tudo isso. (Guntrip, 1975/2006, p. 397)

De acordo com Guntrip, Fairbairn havia sido altamente criativo em sua produção teórica, nos anos 40, mas se deixara lentamente invadir pelo conservadorismo nos anos 50. A partir de meados dessa década, Fairbairn, num artigo denominado “Considerações a partir do caso Schreber” (1956), recuou de sua “psicologia do ego e das relações objetais” e passou a explicar tudo a partir do medo e das excitações libidinais suscitados pela “cena rimária”. Finalmente, em seu último trabalho, “Sobre a natureza e os objetivos da psicanálise” (1958), ele põe toda a ênfase no “sistema interno fechado” de uma ampla análise edipiana, não em termos de instinto – e aí estaria a sua contribuição maior para a ampliação da teoria analítica –, mas de relações internalizadas, libidinizadas e antilibidinizadas, com o objeto mau” (Guntrip, 1975/2006, p. 388). É mais ou menos nessa época que Guntrip inicia sua análise com Fairbairn.

Não entrarei em maior detalhe no mérito da teoria de Fairbairn que, segundo alguns comentadores, representa um avanço com relação à posição tradicional, uma vez que, diferentemente de Klein, não se trata da internalização de objetos, bons ou maus, mas da internalização de um padrão de relações. Para ilustrar, cito Guntrip num certo momento de seu texto: “Mas Fairbairn analisou acuradamente a luta emocional para forçar minha mãe a cuidar de mim, após a morte de Percy, e mostrou-me como eu havia internalizado esta luta” (Guntrip, 1975/2006, p. 382). Numa outra passagem, a propósito do sonhar, Guntrip mostra seu entendimento da teoria e da interpretação de Fairbairn, ao dizer que, no que se refere à psicopatologia, o sonhar

expressa a nossa estrutura endopsíquica. É um modo de experienciar, na beira da consciência, nossos conflitos internalizados, nossas *memórias* de lutas originadas no nosso mundo externo e, em seguida, como *memórias e fantasias de conflitos que se tornaram parte da nossa realidade interna*, a fim de manter as “relações objetais” vivas, ainda que apenas “as más relações objetais”, pois precisamos delas para manter a posse do nosso “ego”. (Guntrip, 1975/2006, p. 409; os itálicos são meus)

A ideia de que as “más relações objetais internalizadas” propiciariam “manter a posse do nosso ‘ego’” fica mais clara no trecho a seguir, em que Guntrip relata o momento em que, na análise, começa a discordar de Fairbairn. Usando já, sem mencionar, a perspectiva de Winnicott, ele diz ter passado a insistir com Fairbairn que seu verdadeiro problema

residia não nas más relações que datavam do período que havia seguido a morte de Percy, mas na falha básica da mãe em relacionar-se, em qualquer sentido, desde o início. Falei-lhe de minha impressão de que a análise edipiana fazia-me perder tempo, sem sair do lugar, levando-me a usar relações ruins como algo melhor do que relação alguma, mantendo-as operativas em

meu mundo interno como uma defesa contra o problema esquizoide mais profundo. Fairbairn viu aí um traço de caráter defensivo de “retraimento” (Guntrip, 1975/2006, p. 389).²

É de interesse notar que, nesse trecho, Guntrip passa da perspectiva de Winnicott (a falha básica da mãe), sem escala, para a perspectiva de Fairbairn (manter ativas as relações ruins em seu mundo interno como uma defesa contra o problema esquizoide mais profundo).

Com respeito aos vários episódios de esgotamento repentino que Guntrip sofreu ao longo da vida, sempre em ocasiões em que uma figura fraterna se afastava do convívio, e que ele próprio denominava de “esquizoides”, Fairbairn os interpretava, sem hesitar, como “retraimentos”, dando-lhes o sentido de “fugas” das “más relações objetais internalizadas.” Ou seja, segundo Fairbairn, para alguns indivíduos, a alternativa para a compulsão à repetição das más relações internalizadas é o isolamento. Orestes Forlenza Neto tem ressaltado a importância e a utilidade clínica dessa teoria; contudo, o problema de Guntrip era muito mais primitivo e não comportava uma interpretação edipiana, mesmo modificada. Winnicott disse a Guntrip, certa vez, durante a análise, com relação a esse ponto: “Nada indica que você tenha tido jamais um complexo de Édipo”. Mas Fairbairn não tinha recursos teóricos para atribuir um outro sentido, que não o do complexo edípico, para o fato de o menino Harry ser tão apegado à mãe, tendo esta uma natureza tão pouco materna.³

No artigo, Guntrip queixa-se que Fairbairn, apesar de ter escrito que “podemos nos fazer analisar durante toda uma vida e isso não levar a parte alguma, pois é a relação pessoal que é terapêutica” (como citado em Guntrip, 1975/2006, p. 384), ou ainda que “a interpretação psicanalítica não é terapêutica nela mesma, mas unicamente na medida em que exprime uma relação pessoal de compreensão autêntica” (como citado em Guntrip, 1975/2006, p. 384), era, nas sessões, e cada vez mais, um analista protocolar, intelectual, preciso, que interpretava.

Fiquei surpreso ao descobrir que, progressivamente, ele ia se tornando um “analista clássico” com uma “técnica interpretativa”, enquanto eu sentia que aquilo de que eu necessitava era regredir ao nível desse grave traumatismo infantil (Guntrip, 1975/2006, p. 386).

² No artigo, Guntrip remete o leitor ao livro de Fairbairn, 1952, 1º capítulo.

³ Note-se que essa ligação do Guntrip menino com a mãe vai numa linha semelhante à do caso Patrick, de 11 anos, paciente de Winnicott, que, de pequeno, agarrava-se à mãe, devido não a alguma manifestação do complexo edípico, mas porque, em sua experiência primitiva, esta sempre lhe escapava. Cf. Winnicott, 1965f/1994. Uma outra maneira de ver, da perspectiva winnicottiana, esse fenômeno de uma ligação insistente com uma mãe insatisfatória, é a que, se o indivíduo não pôde incorporar os cuidados maternos, devido à inabilidade materna em adaptar-se à necessidade, o que se constitui é um “ego fraco (a depender grandemente de uma maternagem não suficientemente boa), com um estabelecimento débil de morada do amadurecimento pessoal” (Winnicott, 1966d[1964]/1994, p. 90), de tal modo que o indivíduo jamais se torna autônomo e tem sempre que voltar à fonte.

No entanto, continua Guntrip, “quando, depois das sessões, discutíamos teoria, ele [Fairbairn] se soltava; então, ao conversarmos face a face, eu encontrava um Fairbairn humano. Na verdade, após as sessões, ele era o meu pai bom e compreensivo e, durante as sessões, na transferência, a mãe má e dominadora que me impunha interpretações exatas” (Guntrip, 1975/2006, p. 387).

Talvez se conjecture, então, que a verdadeira análise de Guntrip era feita nesse período pós-analítico, com o bom pai compreensivo. Mas se, em suas próprias palavras, o que ele precisava era regredir ao trauma, isso apontava para um problema muito mais primitivo e de uma natureza diferente da do Édipo. Como, então, uma regressão podia acontecer se a “mãe dominadora” se perpetuava através das interpretações impostas e, se o contato com o pai compreensivo era feito através da troca intelectual? Surgiu-me aqui a questão de saber se “o pai bom e compreensivo”, em que Fairbairn se tornava ao conversar sobre a teoria com seu paciente, devia-se tão somente ao fato de ele abandonar a rígida máquina interpretativa e a neutralidade fria, apontadas por Guntrip, ou também ao fato de o analista abrir um espaço, extra-análise, para conviverem numa área “mental”, ao que tudo indica, bastante familiar a ambos, e, além disso, como colegas, e não mais na relação analítica. Sobre esse ponto, Markillie assinalou não apenas que Guntrip sempre esteve mais envolvido em avaliar as teorias de seus analistas do que numa relação analítica propriamente dita, como também enfatizou a sua necessidade de manter controle intelectual sobre tudo e a dificuldade em deixar-se levar pela emoção. No fundo, Guntrip aceitava mal a situação de análise e a sua condição de paciente. Isto pode ser corroborado pela descrição pouco plausível do que teria sido uma certa intervenção de Winnicott, cujo teor, altamente improvável por tudo o que se conhece de Winnicott, denunciaria uma posição de coleguismo entre ambos, em plena análise.⁴

Um outro aspecto da personalidade de Guntrip põe água nesse mesmo moinho. Ele era conhecido por sua agitação e frenética produtividade. Incapaz de relaxar, ele pouco tolerava as lacunas de silêncio que ocorriam em análise, falando muito e sem parar. Parece que esse traço, segundo Markillie, levava-o, embora ele apreciasse Winnicott, “a rejeitar fortemente o conceito de cerne comunicável do si-mesmo, e a ênfase de Winnicott em trabalhar com o paciente na esfera da [ilusão de] onipotência [ou seja, na regressão à dependência] era-lhe totalmente estranha” (Markillie,

⁴ Cf. em Guntrip, 1975/2006, p. 403, a citação destacada, a qual teria sido uma intervenção feita por Winnicott. Ainda a propósito desse coleguismo que Winnicott teria com ele durante a análise, Guntrip escreve que o analista inglês lhe teria dito a seguinte frase: “Nós diferimos de Freud. Ele queria curar sintomas. Nós estamos preocupados com pessoas vivas, vivendo e amando por inteiro” (Guntrip, 1975/2006, p. 403). Para quem conhece o pensamento teórico e clínico de Winnicott, e sabe de seu senso de responsabilidade para com o paciente, que é, essencialmente, para quem o cuidado se dirige, e, além disso, que sabe que sua maior preocupação era com os psicóticos, que ainda não chegaram à vida, essa frase soa estranha e gera dúvidas com respeito à autenticidade do relato.

1996, p. 768). Ao que tudo indica, a atividade incessante de Guntrip, na vida, não foi posta em questão, por Fairbairn, como um traço defensivo geral, a ser notado e apontando para uma certa categoria diagnóstica. Fairbairn limitou-se a interpretar a verborragia de Guntrip, na análise, em termos da rivalidade edípica: Guntrip tentava tirar-lhe a análise das mãos e fazer, ele mesmo, o trabalho analítico, ou seja, roubar o pênis do pai. Em parte, era bem verdade que Guntrip queria fazer tudo sozinho, mas isso se devia, não ao que Fairbairn entendeu como rivalidade edípica, mas, provavelmente, à sua profunda desesperança em ser ajudado, à sua necessidade de controlar tudo e à autossustentação que fazia parte de seu sistema defensivo. Como se verá na análise com Winnicott, este dará um sentido completamente diferente ao fenômeno.

5. Comentários

Antes de passar ao exame do relato que Guntrip faz de sua análise com Winnicott, gostaria de salientar alguns pontos, e algumas hipóteses, que possam facilitar a compreensão do lugar desde onde Winnicott operou analiticamente:

a) Provavelmente Winnicott já tinha alguma ideia sobre Guntrip antes de este ser seu paciente. A produção teórica deste era-lhe conhecida e eles trocaram correspondência.⁵ Em ambas as cartas, Winnicott assinala o fato de Guntrip mostrar-se colado à posição de Fairbairn e que, embora isso fosse até certo ponto compreensível, ele talvez devesse tentar ter sua própria atitude ou perspectiva. Aqui, parece-me, já foi notada, por Winnicott, a tendência de Guntrip a submeter-se e mimetizar o ambiente, no caso Fairbairn, o que pode ser corroborado pela sua notável habilidade em reapresentar e tentar reconciliar teorias alheias e diferentes entre si.

b) Winnicott deve ter percebido, logo de início, que toda a problemática “neurótica” (segundo Guntrip) exibida – e que havia sido assim interpretada por Fairbairn – era uma formação defensiva de tipo falso si-mesmo patológico, que, apoiada no funcionamento mental e no “fazer”, tornara-se altamente competente por via da *performance* intelectual, mas sem capacidade para a experiência. Este é, provavelmente, um dos motivos pelos quais Guntrip tentava sempre afirmar seu ponto de vista intelectual e suplantar o interlocutor, mesmo que este fosse o seu analista.

c) Um dos traços notados por Winnicott, logo no início da análise, era a necessidade de Guntrip de tomar notas exatas das sessões, associada, ao que me parece, à descrença subjacente, já mencionada, quanto à possibilidade de alguma experiência genuína de encontro e de comunicação, tudo isso aliado ao temor do que pode surgir a partir da espontaneidade. Ele anotava tudo, de modo

⁵ Cf. cartas n. 45 e 47 de O gesto espontâneo (Winnicott, 1987b/1990).

que imobilizava cada sessão, não permitindo que ela se expandisse, na realidade psíquica pessoal, por via do sonho, do devaneio ou do brincar. Ao que tudo indica, isso acabou por acontecer após a morte de Winnicott. Este lhe disse, certa vez, talvez querendo assinalar essa necessidade defensiva, que “ninguém jamais lhe dissera com tanta exatidão o que ele falara na sessão passada” (Guntrip, 1975/2006, p. 387). Guntrip, tão disciplinado, e necessitado de aprovação, relata isso como quem recebeu nota alta no boletim, como um elogio.⁶

d) Tem-se a impressão, lendo o artigo, que Guntrip não fez propriamente dito qualquer experiência de análise, de nenhuma das duas (infelizmente, para ele, houve pouco tempo e condições pouco favoráveis em sua análise com Winnicott), mas está o tempo todo avaliando o procedimento de seus analistas, antecipando intervenções e tentando articular as teorias, sem relaxar, sem se deixar cuidar ou ser levado a uma compreensão experienciada que pudesse oferecer alívio ou mudança do permanente estado de alerta em que se encontrava. É provável que sem a bússola pessoal do verdadeiro si-mesmo, sem a capacidade para a experiência, ele só pudesse avaliar as abordagens desde fora, “analiticamente”, de um ponto de vista meramente intelectual. Encontrei esse ponto validado por Markillie, quando afirma que

Harry tinha sempre que ter controle sobre a análise. Ele tomava abundantes notas das sessões e trabalhava arduamente para entender subsequentemente seu material e o processo. Isso fazia suas lembranças e sua discussão vívidas. Mas ele nunca pareceu ter se abandonado à experiência. Eu diria, se esta não for uma metáfora inapropriada, que ele nunca foi batizado em análise. Ele analisou bem mais do que foi analisado. (Markillie, 1996, p. 767)

e) Essa impossibilidade para a experiência é característica central da personalidade de tipo falso si-mesmo e, em especial, daquela em que a mente se torna o lugar a partir do qual o falso si-mesmo opera. Ora, segundo Winnicott, o falso si-mesmo é, na prática clínica, um rótulo classificatório valioso, pois ele “nos absolve de qualquer esforço diagnóstico adicional” (1965h[1959]/1983, p. 122), uma vez que a presença, no paciente, dessa organização defensiva

⁶ Tal como Guntrip, também a paciente que ilustra a temática da cisão de tipo split-off intelect, apresentada por Winnicott em seu artigo “A mente e sua relação com o psique-soma” (Winnicott, 1954a[1949]/2000), anota as sessões analíticas num diário. Essa mulher de meia idade, cuja vida foi construída sobre o funcionamento mental, apresentou, durante a regressão à dependência, uma necessidade urgente de destruir os processos mentais que a constituíam até então, e chegar à aceitação das várias mortes psíquicas – “lapsos de consciência” ou “blackouts” que a habitavam desde a infância primitiva e que agora tomavam a forma de um “estado de não saber” que precisava ser aceito (Winnicott, 1954a[1949]/2000, p. 342). Quando chegou a esse ponto, na análise, ela parou de escrever em seu diário. Diz Winnicott: “Esse diário havia sido mantido ao longo da análise, e a partir dele teria sido possível reconstruir inteiramente a sua análise até o momento atual. O significado do diário tornou-se claro agora – ele era uma projecção de seu aparato mental, e não um retrato do seu verdadeiro si-mesmo que, na verdade, jamais havia vivido, até que, do fundo de sua regressão, surgiu uma nova chance que lhe permitiu começar a viver” (Winnicott, 1954a[1949]/2000, p. 342).

patológica altera o significado do que quer que surja na situação analítica, e é preciso que se cuide desse aspecto antes de qualquer outra coisa. Só faz sentido, diz o autor, analisar o indivíduo que não se divorciou do si-mesmo verdadeiro e que é e vive, essencialmente, a partir deste último. Caso contrário, a única coisa que o analista consegue é falar, ao falso si-mesmo, sobre o verdadeiro (cf. Winnicott, 1960c/1983, p. 38). Ele diz ainda: “Somente o si-mesmo verdadeiro pode ser analisado. A psicanálise do falso si-mesmo, análise que é orientada para o que não é mais do que o ambiente introjetado, só pode levar à decepção” (1965h[1959]/1983, p. 122). Note-se que Winnicott fala de ambiente introjetado e não de incorporação de experiências: esta levaria à experiência psicossomática e não ao funcionamento mental cindido. Contudo, só se chega ao si-mesmo verdadeiro estabelecendo inicialmente algum tipo de comunicação com o falso que se nos apresenta, embora deixando o paciente entrever que se está ainda no umbral de uma comunicação verdadeira. Terá Guntrip chegado ao cerne da espontaneidade antes da morte de Winnicott?

6. A análise com Winnicott

Logo na primeira sessão, Guntrip relatou o trauma primitivo relativo à morte de seu irmão mais novo, cujas circunstâncias haviam sido esquecidas, e falou sobre sua mãe, com quem sempre estivera lutando para que ela o levasse em conta. Do que já se sabe, Guntrip deve ter ocupado toda a sessão com seu relato. Ao final, Winnicott disse: “Não tenho nada de especial para dizer ainda, mas, se não disser nada, você pode começar a sentir que eu não estou aqui” (Guntrip, 1975/2006, p. 401). É importante notar que Winnicott não interpretou o material – a lembrança, o relato dos acontecimentos tal como já haviam sido contados, recontados e interpretados –, mas falou diretamente com a criança, em Harry, que era desalentada e destituída de impulso criativo.

Trata-se aqui de uma interpretação no sentido winnicottiano, ou seja, de uma comunicação que visa a fazer o paciente saber que o analista entendeu o sentido principal da necessidade; no caso, que ele, Winnicott, está ciente da suscetibilidade de Guntrip com relação ao abandono e ao sentimento de que, rapidamente, o outro já não mais está ali, tal como ocorrera com sua mãe que, quase sempre, de maneira repentina, se desincumbia dele.

Na segunda sessão, Winnicott disse:

Você sabe sobre mim, mas eu ainda não sou uma pessoa para você. Você pode ir embora com o sentimento de estar só e de que eu não sou real. Você deve ter tido uma doença antes do nascimento de Percy, e sentido que sua mãe o deixou a cargo de si mesmo. Você recebeu Percy como seu si-mesmo-bebê, que necessitava ser cuidado. Quando ele morreu, você ficou sem nada e entrou em colapso. (Guntrip, 1975/2006, p. 401)

Tudo leva a crer que a intenção de Winnicott, com as duas primeiras frases – “Você sabe sobre mim, mas eu ainda não sou uma pessoa para você” –, foi interpretar, no sentido novo e específico que ele dá à tarefa interpretativa, comunicar a Guntrip a quantas anda o seu entendimento do que o paciente traz, a saber, que Guntrip não havia ainda chegado à capacidade de estar em contato com alguém, mas que tentava relacionar-se a partir de um certo saber mental. Além disso, Winnicott certamente também já percebera que Guntrip não era capaz de fazer experiências, propriamente dito, ou seja, de incorporar o cuidado, mas apenas aprendia uma nova perspectiva teórica sobre o seu caso. Talvez ele escolhesse analistas proeminentes, pelo currículo ou pela posição, mas outra coisa era ser capaz de relacionar-se. Ele poderia facilmente tornar-se – como afirmou certa vez Winnicott a respeito da introjeção do seio bom – um propagandista do seio bom, como já fizera com Fairbairn. Diz Winnicott, num texto de 1955:

Os analistas defrontam-se com esse difícil problema: seremos reconhecíveis em nossos pacientes? Sempre o somos, mas não gostamos disso. Detestamos nos tornar um seio bom internalizado em outros, e ouvir anúncios a nosso respeito apregoados por aqueles cujo caos interno está sendo precariamente contido pela introjeção de um analista idealizado. O que queremos então? Queremos ser comidos e não magicamente introjetados. (1955c[1954]/2000, p. 373)

O termo mágico, no sentido em que é usado na citação acima, refere-se ao que é introjetado, por via do mecanismo mental, sem fazer parte efetiva da experiência instintiva. Neste ponto ocorre idealização, ao invés de uma experiência que pode ser boa ou ruim, para uma dada pessoa, num dado momento. “Queremos ser comidos” significa: queremos que o cuidado que dispensamos, e o que o paciente experiencia mediante esse cuidado, em especial quando está em pauta uma demanda instintual, seja aos poucos incorporado pelo paciente, como um aspecto dele mesmo.⁷ Já sabemos que Guntrip tolerava mal o silêncio e a ausência do que fazer e, numa dada sessão, quando ele começou a sentir-se aflito, Winnicott se mexeu e disse:

Você começou a sentir medo de que eu o tivesse abandonado. Sente o silêncio como um abandono. O lapso não é você esquecendo sua mãe, mas sua mãe esquecendo você, e, agora, você reviveu isso comigo. Você está encontrando um trauma ainda mais primitivo, que talvez você nunca recuperasse sem a ajuda do trauma de Percy, que o repetiu. Você precisa recordar sua mãe abandonando você, na transferência comigo. (Guntrip, 1975/2006, p. 402)

⁷ Para maior aprofundamento deste ponto, cf. meu artigo “Incorporação e introjeção” (Dias, 2012).

Do que Winnicott diz é possível depreender o quanto Guntrip era susceptível a sentir-se abandonado. A propósito desse aspecto, pode-se supor que, tendo sido na infância, repetidamente e por um tempo demasiado, abandonado aos seus próprios recursos, Guntrip viu-se muitas vezes lançado numa espécie de irrealidade, tanto em termos de despersonalização como da inconsistência do si-mesmo, tendo então se refugiado no mental e no fazer incessante, para sentir-se existindo. O ativismo de Harry é uma defesa contra a possibilidade da imobilidade, como se ele sentisse que, a partir do descanso, que na verdade lhe estava vedado, nenhum impulso voltasse a surgir, a menos que ele estivesse atento e se pusesse, ele mesmo, em movimento. A defesa contra a agonia de cair para sempre é a autossustentação. Impedido de ser, o Harry bebê agarrou-se no fazer. Na análise com Winnicott, essa ausência de impulso pessoal, criativo, que tornou Guntrip puramente reativo, pôde ser experimentada e o que ocorreu foi que, em certos momentos, ele se percebeu “num estado estático, imutável e sem vida, no mais profundo de mim mesmo, sentindo que não podia mexer-me” (Guntrip, 1975/2006, p. 401). Winnicott disse-lhe, apontando para o esforço, da vida toda, de tornar-se autossuficiente e não precisar de ninguém:

Se cem por cento de você se sentisse assim, provavelmente você não poderia se mexer e alguém teria que acordá-lo. Depois que Percy morreu, você entrou em colapso, desorientado, mas arranjou-se para preservar o suficiente de si mesmo para continuar a viver, energicamente, e pôs o resto num casulo, reprimido, inconsciente. (Guntrip, 1975/2006, p. 401)

Com respeito à verborragia, que era o equivalente de sua atividade incessante e que havia sido interpretada, por Fairbairn, na chave edipiana, Winnicott lançou uma luz inteiramente nova:

O seu problema é que a doença relativa ao colapso nunca foi resolvida. Você teve que se manter vivo a despeito disso. Não pôde tomar, como garantida, a sua continuidade de ser. Teve que trabalhar duramente para manter-se existindo. Você teme parar de agir, de falar, de manter-se acordado. Sente que talvez possa morrer num lapso, como Percy, porque, se cessar de agir, sua mãe não pode fazer nada. Ela não saberia salvar nem Percy nem você. Você está amarrado ao medo de que eu não possa mantê-lo vivo, de modo que você liga as sessões mensais, para mim, com suas anotações. Nada de lapsos. Você não pode sentir que é uma preocupação constante para mim, porque sua mãe não podia salvá-lo. Você sabe o que é “ser ativo”, mas ignora o que é “apenas crescer”, “apenas respirar” enquanto dorme, sem ter que fazer nada em relação a isso. (Guntrip, 1975/2006, p. 402)

Neste ponto, em especial, fica clara a mudança paradigmática: da perspectiva de Winnicott, não se trata de rivalidade edípica. Como disse Winnicott, em outra ocasião, para Guntrip: “Nada indica que você tenha tido jamais um complexo de Édipo”. O que, para Winnicott, estava na base dessa verborragia e frenética atividade era a total desesperança de que a vida se mantivesse, que o

sentir-se vivo perdurasse mesmo em estado de repouso. É bastante plausível imaginar que uma mãe tal como a de Guntrip tivesse poucos recursos pessoais para preservar, antecipando e prevenindo, as possíveis interrupções da continuidade de ser a que um bebê está sujeito no início da vida. Ele, provavelmente, foi submetido a uma constante interrupção que o obrigava a reagir, quebrando a linha do ser. Se esse foi o caso, um estado de alerta se constituiu, nele, muito cedo e, além disso, ele ficou responsável por manter viva a vida, pois não havia suficiente calma ambiental para aguardar o despertar natural do bebê. Ele passou a forçar, a produzir uma “vivacidade”, em cuja natureza, contudo, ele não acreditava. Como disse Winnicott, na sessão, o Harry bebê “não pôde tomar, como garantida, a sua continuidade de ser”.

7. A morte de Winnicott e os sonhos curativos

Quase ao final do artigo, Guntrip escreve que irá completar o relato com algo que ele, naturalmente, não pudera prever: o fato de que Winnicott

ao se tornar a boa mãe, liberando-me para ser vivo e criativo, transformou o significado da morte de Percy de uma maneira que viria a me capacitar a resolver aquele trauma e o dilema sobre como terminar a minha análise. Relacionando-se comigo no meu inconsciente profundo, Winnicott permitiu-me ver que não foi apenas a perda de Percy, mas ser deixado sozinho com a mãe incapaz de preservar-me vivo, que causou meu colapso a um estado de morte aparente. (Guntrip, 1975/2006, p. 404)

É difícil imaginar em que medida Guntrip pode fazer a experiência da “boa mãe” em que Winnicott se tornou: foi muito pouco tempo de análise, as sessões eram demasiadamente espaçadas para favorecer uma regressão à dependência e Guntrip parece ter sido um *split-off intellect* severamente defendido. Tenho a impressão que, mais do que experiência propriamente dita, ele tirou conclusões sobre o que se seguiria em sua vida, se ele levasse em conta as hipóteses de Winnicott. De qualquer modo, essas hipóteses eram radicalmente diferentes das de Fairbairn – o que justifica a proposição de mudança paradigmática – e o levaram a perceber que havia, nele, um problema anterior ao trauma dos três anos e meio: ele se via sozinho, isolado, com uma mãe incapaz de relacionar-se, especialmente no nível pré-verbal e de comunicação silenciosa – não foi à toa que ele tornou-se altamente ruidoso, pois para fazer-se escutar era preciso um grande espalhafato – e que, além disso, ela não saberia mantê-lo vivo, caso ele enfraquecesse.

No final de 1970 e início de 1971, Guntrip soube que Winnicott estava muito doente. Perguntou por ele para Masud Khan e teve a informação de que seu analista estava melhor e que

gostaria de ter notícias dos amigos. Guntrip escreveu então a Winnicott e, pouco tempo depois, este telefonou-lhe agradecendo a mensagem; conversaram um pouco. Algumas semanas mais tarde, a secretária de Winnicott ligou dizendo que este tinha falecido. Naquela mesma noite, Guntrip diz ter tido um sonho alarmante:

Vi minha mãe, preta, imóvel, olhando fixamente o espaço, ignorando-me completamente enquanto eu ficava de pé ao lado, olhando-a fixamente e me sentindo congelado numa imobilidade: era a primeira vez que eu a tinha visto assim num sonho. (Guntrip, 1975/2006, p. 405)

Foi esse o sonho, assinala Guntrip, que deu início à sequência torrencial de sonhos, que ocorriam “noite após noite” e que o fizeram retornar, em ordem cronológica correta, a todas as casas em que ele havia morado. A torrente revelou-se curativa: uns dois meses depois, ele relata, dois novos sonhos “romperam finalmente a amnésia relativa à vida e à morte de Percy” (Guntrip, 1975/2006, p. 405):

Fiquei abismado de ver-me claramente num sonho, com a idade de três anos, totalmente reconhecível, segurando um carrinho-de-bebê onde estava meu irmão com aproximadamente um ano. Eu estava tenso, olhando ansiosamente à esquerda, para minha mãe, para ver se ela tomava algum conhecimento de nós. Mas ela estava fitando fixamente, à distância, ignorando-nos como no primeiro sonho da série. Na noite seguinte, o sonho foi ainda mais assustador: eu estava de pé com um outro homem, um dublê de mim mesmo, buscando ambos alcançar um objeto morto. De repente, o outro homem caiu em colapso, num montinho. Imediatamente, o sonho mudou para um aposento iluminado onde vi Percy novamente. Sabia que era ele, sentado no colo de uma mulher que não tinha rosto, braços ou seios. Era apenas um colo para sentar-se, não uma pessoa. Ele parecia profundamente deprimido, com os cantos da boca caídos e eu tentava fazê-lo sorrir.

Recuperei, naquele sonho, a lembrança de meu colapso, quando o vi [Percy] como o objeto morto que eu tentava alcançar. Mas eu havia feito mais. Eu havia, de fato, retornado, nos dois sonhos, a um período anterior à morte de Percy, para ver a mãe “sem rosto”, despersonalizada, e a mãe preta, deprimida, que falhou totalmente em relacionar-se com ambos de nós. Winnicott tinha dito: “Você aceitou Percy como seu si-mesmo-bebê que precisava ser cuidado. Quando ele morreu, você não tinha mais nada e entrou em colapso” (Guntrip, 1975/2006, p. 406).

8. Considerações finais

a) O artigo de Guntrip é extremamente ilustrativo e iluminador das diferenças teóricas e práticas, entre os dois analistas envolvidos, sendo, portanto, de muito valor para a discussão

psicanalítica. O que surpreende, ou talvez não muito, em função do seu diagnóstico, é que o próprio Guntrip tenha se dado conta dessas diferenças apenas superficialmente, em termos de “estilo” de análise.

b) É interessante notar que, até o final do artigo, Guntrip refere-se ao que ele chamou de amnésia, e que bem podia ser uma dissociação, como tendo sido operada pela repressão, o que mostra que, a despeito de ter dito que avançou muito na compreensão do problema que o afligia, ele, na verdade, permaneceu atado à perspectiva que foi constituída por seus primeiros estudos de psicanálise e corroborada, em parte, por Fairbairn. É bastante claro, do relato, que, se ele se beneficiou da fundamental mudança do modo winnicottiano de ver e de abordar analiticamente as suas questões, ele pouco compreendeu da perspectiva winnicottiana.⁸ Até o fim, ele entendia que a cura deveria dar-se pelo “levantamento da repressão” sobre o acontecimento traumático, sendo que o que ele necessitava era aproximar-se, não do que aconteceu, mas do que não aconteceu, e deveria ter acontecido, a saber, do fato de sua mãe não se ocupar dele, simplesmente, e de ser incapaz de relacionar-se. Não era preciso lembrar o fato; bastava que sua desesperança fosse corrigida pela experiência de confiabilidade.

c) De um lado, Guntrip afirma ter conseguido uma compreensão mais profunda de seu problema, na análise com Winnicott, mas continua a usar todos os conceitos e formulações de Fairbairn para relatar seu caso. Diz, por exemplo:

Depois da morte de meu irmão Percy, eu iniciei uma batalha ativa com minha mãe para forçá-la a “relacionar-se” e depois desisti e afastei-me dela. Por conveniência, denominarei esta época de período de más relações objetais edípicas internalizadas”. (Guntrip, 1975/2006, p. 388)

Esse “para forçá-la a ‘relacionar-se’” – isto é, a ideia de que a mãe, simplesmente, era incapaz de estabelecer contato e relações – é uma compreensão advinda da análise com Winnicott, mas ele, “por conveniência”, denomina o período, ao modo de Fairbairn, de “período de más relações objetais edípicas internalizadas”.

Não deixa de ser interessante – e trágico – notar que Guntrip, por mais que tenha vivido, aproveitado e mesmo escrito sobre os ganhos que teve em sua análise com Winnicott, continue, de

⁸ É interessante pois, antes de começar a análise com Winnicott, houve uma pequena correspondência entre eles, e, acerca de um livro escrito por Guntrip, Winnicott perguntou sobre o conceito ali expresso de ego regredido: “O seu ‘ego regredido’ é retraído ou reprimido?”, ao que Guntrip teria respondido que era ambos: “primeiro retraído e depois reprimido”. Esse trecho foi relatado por Guntrip no artigo de 1975 (Guntrip, 1975/2006, p. 390), mas não se encontra nas cartas publicadas em *O gesto espontâneo* (1987b/1990).

maneira inalterada nesse artigo, a tentar reconciliar as posições de ambos os autores, a dizer que a análise feita por Fairbairn tinha sua razão de ser, pois era preciso, segundo ele, primeiro derrubar as defesas. Ele faz uma crítica a Fairbairn e, em seguida, agradece a este por ter feito o que fez. Ora, nada obsta que um paciente agradeça ao analista por sua dedicação, ao mesmo tempo em que diverge de sua orientação teórica. Uma coisa é a abordagem teórica que guia a ação terapêutica; outra coisa é a boa vontade, honestidade, disponibilidade do analista. Guntrip parece misturar essas coisas e não sabe bem o que fazer com a exigência psicanalítica de gratidão, instituída por Melanie Klein, e da qual poucos analistas escapam.

d) Para articular as teorias e mostrar-se grato a ambos os analistas, Guntrip tenta uma espécie de complementariedade entre as teorias, como se uma cobrisse um pedaço da infância e a outra o outro pedaço, o que não é possível se as analisarmos à luz da mudança paradigmática, e em especial, da teoria winnicottiana do amadurecimento.⁹ De fato alguns comentadores de Winnicott, refratários à ideia de que sua obra propõe alterações radicais na teoria, dizem que não há incompatibilidade: Freud cuidou da infância mais avançada, Melanie Klein foi para o mais primitivo e Winnicott para o mais primitivo ainda. O fato é que, talvez, sem se dar conta, Guntrip continua pensando o processo analítico segundo a metáfora arqueológica de Freud. Após mencionar ter dito a Fairbairn que a análise edipiana de seus problemas o fazia perder tempo, diz Guntrip:

Mas minha análise edipiana com Fairbairn não foi uma perda de tempo. As defesas tinham que ser analisadas e isto me fez ver que eu havia de fato reprimido o trauma da morte de Percy e tudo o que estava por trás disto, encobrindo-o com uma complexa experiência de luta constante na relação com minha mãe como objeto mau, relações que, por sua vez, eu tive que reprimir. Era isto que se encontrava na base da torrente de sonhos e da produção intermitente de sintomas de conversão. Por muito tempo, Fairbairn insistiu que isto era o “núcleo real” de minha psicopatologia. *Certamente ele estava errado, mas era preciso analisar radicalmente para abrir caminho até as camadas mais profundas.* Isso aconteceu. Paulatinamente, fenômenos esquizoides regressivos e negativos fizeram irrupção no material que eu levava para ele e Fairbairn acabou por fim por aceitar, em teoria, aquilo que não tinha mais saúde para lidar na prática clínica. (Guntrip, 1975/2006, p. 389, os itálicos são meus)

A tendência de Guntrip a tornar complementárias as teorias de Fairbairn e de Winnicott (no mais das vezes incompatíveis, como se pode deduzir da compreensão de ambos os analistas sobre o seu caso), foi corroborada pelo apresentador oficial de seu texto no IJP, que também não se dá conta

⁹ A própria resenha de Winnicott sobre o livro de Fairbairn (Winnicott, 1953i/1994) mostra as diferenças cruciais de perspectiva entre as respectivas teorias e fala de quanto, a despeito de ser um inovador da teoria psicanalítica, Fairbairn acaba inadvertidamente por repetir Freud na questão relativa à busca do objeto, uma vez que, segundo ele, não é o indivíduo, mas a libido que busca e, assim sendo, a busca é de satisfação e não de um relacionamento.

da profunda diferença entre as duas perspectivas. Ele diz, de Guntrip, que “suas sessões de análise com Winnicott fizeram-no empenhar-se em reconciliar as ideias de Fairbairn e Winnicott. Ele fez isso usando Fairbairn para explicar os processos esquizoides do relacionamento de duas pessoas e Winnicott para lidar com os processos depressivos consequentes de experiências de perda” (apresentação do artigo, em Guntrip, 1975/1996, p. 740)

e) Muitas vezes, em seu texto, talvez pelo hábito da análise, Guntrip já não distingue entre fatos e interpretações. Referindo-se, por exemplo, ao período inicial de sua análise com Fairbairn, ele diz: “Durante os primeiros anos, sua análise marcadamente edipiana de minhas ‘relações com o mau objeto internalizado’ correspondia bem a um período efetivo de minha infância” (Guntrip, 1975/2006, p. 396). Qual é o problema neste ponto? Trata-se aqui de uma interpretação e não da realidade dos fatos. Ou seja, entende-se que a relação fosse ruim, mas não necessariamente isso precisa ser descrito através do conceito “relações com o mau objeto internalizado”. Poderia ser descrita de outra maneira. A propósito do fenômeno de uma ligação insistente com uma mãe insatisfatória, ou da repetição de relações ruins, Winnicott dirá que, se o indivíduo não pôde contar com cuidados satisfatórios e, por isso, não pôde incorporá-los como um aspecto do si-mesmo, ele acaba por se constituir como um “ego fraco” (com uma quase inativa tendência ao amadurecimento), eternamente dependente de cuidados insatisfatórios e tendo sempre que voltar à fonte, a qual, contudo, nunca responde (cf. Winnicott, 1966d[1964]/1994, p. 90).

Em outro momento, já mencionado, em que descreve a tendência disruptiva de sua mãe, diz Guntrip: “Não é pois surpreendente que eu tivesse um mundo interno de relações libidinalmente excitadas, com maus objetos internalizados, e eu devo muito a Fairbairn pela análise radical que ele fez de tudo isso” (Guntrip, 1975/2006, p. 397). Se ele efetivamente compreendesse Winnicott, teria, no máximo, que dizer: “Fairbairn teve que se haver inicialmente com meu falso si-mesmo que, apresentando-se como neurótico, encobria a questão central psicótica”. Mas, se Fairbairn pudesse de fato olhar a partir dessa perspectiva, a interpretação não seria a de “um mundo interno de relações libidinalmente excitadas, com maus objetos internalizados”. É bem verdade que o falso si-mesmo não é nada mais do que o ambiente internalizado, mas o problema aí não são as más relações internalizadas, com tendência a se repetirem, mas o fato da alienação do si-mesmo primitivo, que reage e internaliza o ambiente, de modo que o indivíduo, ao invés de crescer a partir do cerne, cresce a partir da casca, mimetiza o ambiente e é nisso que o problema se constitui.

Guntrip diz ainda:

Conscientemente, desenvolveu-se em mim uma dupla resistência com respeito a ele [Fairbairn], em parte por senti-lo como a minha mãe má, impondo-me seus pontos de vista [ou seja, a mãe que o submetia] e, em parte por eu discordar abertamente dele em pontos essenciais. Comecei a insistir em que meu verdadeiro problema residia não nas más relações que datavam do período que havia seguido a morte de Percy, mas na falha básica da mãe em relacionar-se, em qualquer sentido, desde o início. (Guntrip, 1975/2006, p. 389)

É de interesse notar que Guntrip fala disto como um achado seu, relativo a um período em que ainda estava em análise com Fairbairn, mas essa compreensão é nitidamente a que ele obteve depois com Winnicott. Vejamos como ele continua:

Falei-lhe de minha impressão de que a análise edipiana fazia-me perder tempo, sem sair do lugar, levando-me a usar relações ruins como algo melhor do que relação alguma, mantendo-as operativas em meu mundo interno como uma defesa contra o problema esquizoide mais profundo. Fairbairn viu aí um traço de caráter defensivo de “retraimento” (1952, cap. 1). Eu próprio sentia isso como um problema legítimo e não apenas como uma defesa contra seu sistema fechado, “mundo interno de más relações objetais”. (Guntrip, 1975/2006, p. 389)

Mas, pergunto, com respeito à citação acima, por que as interpretações seriam assim tão determinantes, mantendo-o aprisionado nesse mundo interno de relações ruins? Fica aqui muito claro o quanto Guntrip era determinado pela compreensão intelectual e não pela experiência. Contudo, no parágrafo seguinte, ele diz:

Mas minha análise edipiana com Fairbairn não foi uma perda de tempo. As defesas tinham que ser analisadas e isto me fez ver que eu havia de fato reprimido o trauma da morte de Percy e tudo o que estava por trás disto, encobrindo-o com uma complexa experiência de luta constante na relação com minha mãe como objeto mau, relações que, por sua vez, eu tive que reprimir. Era isto que se encontrava na base da torrente de sonhos e da produção intermitente de sintomas de conversão. Por muito tempo, Fairbairn insistiu que isto era o “núcleo real” de minha psicopatologia. Certamente ele estava errado, mas era preciso analisar radicalmente para abrir caminho até as camadas mais profundas. (Guntrip, 1975/2006, p. 389)

Finalizando seu comentário, acabado e publicado em 1996, a propósito do artigo de Guntrip, o colega e amigo Markillie, afirma: “O artigo [de Guntrip] se constitui do que ele escolheu dizer sobre suas análises e revelar sobre si mesmo. Fossem seus diários completos publicados, e diferentes conclusões poderiam ser tiradas. Inusualmente, trata-se do relato de um analisando, e nós não sabemos o quanto isso se parece com os analistas, diferentemente do que ele relatou de suas ações. Sugiro que qualquer exegese teórica de suas afirmações é perigosa, por estar relacionada a uma fonte imperfeita” (Markillie, 1996, p. 769).

Referências

- Balint, Michael (1992). *The Basic Fault: Therapeutic Aspects of Regression*. Illinois: Northwestern University Press. (Trabalho original publicado em 1968)
- Dias, E. O. (2012). Incorporação e introjeção em Winnicott. In E. O. Dias, *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWWeditorial.
- Eigen, M. (1981). Guntrip's Analysis with Winnicott – A Critique of Glatzer and Evans. *Contemp. Psychoanal.*, 17(1), 103-117.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Londres: Tavistock Publications.
- Fairbairn, W. R. D. (1954). Observations of the nature of hysterical states. *Brit. J. med. Psychol.*, 27, 106-125.
- Fairbairn, W. R. D. (1955). Observations in defense of the object-relations theory of the personality. *Brit. J. med. Psychol.*, 28, 144-156.
- Fairbairn, W. R. D. (1956). Considerations arising out of the Schreber case. *Brit. J. med. Psychol.*, 29, 113-127.
- Fairbairn, W. R. D. (1958). On the nature and aims of psychoanalytical treatment. *Int. J. Psycho-Anal.*, 39, 374-385.
- Glatzer. H. T. & Evans, W. N. (1977). On Guntrip's analysis with Fairbairn e Winnicott. *Int.J. Psychoanal Psychother.*, 6, 81-98.
- Guntrip, H. (1960). Ego-weakness, the hard core of the problem of psychotherapy. In H. Guntrip (1968), *Schizoid Phenomen, Objecto-Relations and the Self*. Londres: Hogarth Press.
- Guntrip, H. (1961). *Personality Structure and Human Interaction*. Londres: Hogarth Press.
- Guntrip, H. (1968). *Schizoid Phenomen, Objecto-Relations and the Self*. Londres: Hogarth Press.
- Guntrip, H. (1975). My experience of analysis with Fairbairn and Winnicott. *Int. J. Psycho-Anal.* 2, 145-156.
- Guntrip, H. (2006). Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott. *Revista Natureza Humana*, 8(2), 383-411. (Trabalho original publicado em 1975) [[Links](#)]
- Guntrip, H. (1996). "My experience of analysis with Fairbairn and Winnicott" *Int. J. Psycho-Anal.* 77, p. 739-754. (Trabalho original publicado em 1975)
- Landis, B. (1981). Discussions with Harry Guntrip. *Contemp. Psychoanal.*, 17, 112-117.
- Markillie, R. (1996). Some Personal Recollections and Impressions of Harry Guntrip. *Int.J. Psycho-Anal.*, 77, 739-71.

- Pontalis, J-B, Rosolato, G. & Anzier, D. (1977). A propos du texte de Guntrip. *Mémoires – Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 15, 29-67.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1960c)
- Winnicott, D. W. (1983). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?. In D. W. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1965h[1959])
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1965b)
- Winnicott, D. W. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1987b) [[Links](#)]
- Winnicott, D. W. (1994). Resenha de Psychoanalytic Studies of the Personality de W. R. D. Fairbairn. In D. W. Winnicott (1994/1989a), *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1953; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1953i)
- Winnicott, D. W. (1994). Um caso de psiquiatria infantil que ilustra a reação retardada à perda. In D. W. Winnicott (1994/1989a), *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1965f)
- Winnicott, D. W. (1994). A enfermidade psicossomática em seus aspectos positivos e negativos. In D. W. Winnicott (1994/1989a), *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1966; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1966d[1964])
- Winnicott, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In D. W. Winnicott (2000/1958a), *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1955c[1954])
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1958a)

- Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1989a)
- Winnicott, D. W. (2000). A mente e sua relação com o psique-soma. In D. W. Winnicott (2000/1958a), *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1954a[1949])